

Mulheres em sintonia: a trajetória feminina no rádio brasileiro e a construção de novos espaços de poder

Brenda dos Santos Teixeira¹

Arlete Taboada²

Resumo

O artigo analisa a trajetória das mulheres no rádio brasileiro, relacionando-a ao avanço dos direitos femininos no mundo do trabalho e às transformações socioculturais e tecnológicas do país. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas com quatro jornalistas de diferentes gerações — Mara Régia, Marilu Cabañas, Patrícia Palumbo e Cássia Godoy —, cujos relatos evidenciam as conquistas e os desafios da presença feminina no meio radiofônico. A análise de conteúdo das entrevistas permitiu identificar temas como exclusão, resistência e protagonismo, além de estratégias de superação pautadas pela autenticidade, pela solidariedade entre mulheres e pela consolidação de redes de apoio. O estudo mostra que, embora persistam barreiras estruturais, como a sub-representação em cargos de liderança e a permanência da misoginia, o rádio se afirma como espaço de transformação e ampliação de vozes femininas. Conclui-se que o fortalecimento da presença das mulheres nesse campo depende também da inclusão de perspectivas diversas de raça, classe e sexualidade, especialmente diante das novas configurações digitais da comunicação contemporânea.

Kayumákoati³

Enepora yutoeti hara koyuho vékoku ne senóhiko ya rândiuke yara vípuxovoku Mbarânziu, xane

¹ Faculdade Paulus de Comunicação e Tecnologia (FAPCOM), São Paulo - SP, Brasil;
brndtxr@gmail.com

² Faculdade Paulus de Comunicação e Tecnologia (FAPCOM), São Paulo - SP, Brasil;
arlete.taboada@fapcom.edu.br

³ Neste trabalho, a autora, em conjunto com sua orientadora, optou por publicar um dos resumos na língua Terena como forma de afirmar sua identidade. Natural de Aquidauana (MS), mulher indígena Terena em contexto urbano, a autora reconhece a importância de valorizar a língua e sua ancestralidade. O povo Terena possui sua maior concentração na região pantaneira de Mato Grosso do Sul, estado que abriga a terceira maior população indígena do Brasil.

kixoâti koyuhoyea maka uhá koêti êho ra sênohiko ya xoko óvoku ko'itukeyea koane maka enepone kíkoku esa'ikeovo ra vípuxovoku ya xoko kíkoku itukeovo yoko kíkoku katarakeakoko itukovo káxe ra xanéhiko koane maka ne apéinoviti iháxoneti inámati ko'itukepeti (tecnologia). Enepora yutoeti hara iko'itukexo epemo'ikoti, oposíkoti kíkoku éxea kíkoku ko'isoneye kuaturu koêti Jornalistahiko ákoti akutikoko ápepe – Mara Régia, Marilu Cabañas, Patrícia Palumbo yoko Cássia Godoy – ya xoko koyuhôahiko vitóponoa uhá koêti êhohiko ra senóhiko yara xapákuke ko'ituketi xoko rândiu. Enepora vivávakea epora emo'utihiko, itukinovi véxea okópea ákoyea ivávakakana ra sênohiko, koane véxoa maka kótiu'ikeovohiko yoko itóponea teyeokono ra sênohiko, koane itukinoahiko opósi'okeovo motovâti kotíxoekoko vo'oku itukeovo kaná'uti emo'uti itukohiko. Enepora kali víhikaxovone éxokovi ápeyeako ênoti okópone enepora senóhiko kuteâti puveokonohiko ya xokoyoke ra ko'itukekuti, koane iyuse koyeko eno'iyea hoyeno ákoti exáka teyea ra sênohiko, itea enepora ko'itukekuti rândiu motóva kíxea ûti itukeovo óvokumo káxunakeovo ra senóhiko maka teyokonotimohiko. Véxoane kopo itukeovo óvoku káxunakeokokono ra sênohiko enepora rândiu, itea motovâtineoxo ko'iyeneye, kónoko maka komómoyeovo ípiheovo uhákoêti ko'iyevoku sêno itukapu ya kíkoku itukeovo, yaúkeaku yoko enepone nóvokoxone itúkeovo, vo'oku enepora vitóvokune êno inámatinoe ko'itukepeti ya xokoyoke ra yuho'ixoti rândiu. Emo'utihiko koyuhóvoti.

Abstract

This article analyzes the trajectory of women in Brazilian radio, relating it to the advancement of women's labor rights and to the country's sociocultural and technological transformations. The study adopts a qualitative approach based on semi-structured interviews with four journalists from different generations — Mara Régia, Marilu Cabañas, Patrícia Palumbo, and Cássia Godoy — whose accounts reveal both achievements and challenges for women in radio broadcasting. Content analysis identified key themes such as exclusion, resistance, and leadership, as well as strategies grounded in authenticity, solidarity, and the creation of support networks. The results indicate that, despite persistent structural barriers, including underrepresentation in leadership roles and ongoing misogyny, radio remains a powerful medium for female expression and social transformation. It concludes that strengthening women's participation in this field requires the

inclusion of diverse perspectives of race, class, and sexuality, especially in the context of digital media expansion.

Resumen

El artículo analiza la trayectoria de las mujeres en la radio brasileña, relacionándola con el avance de los derechos femeninos en el mundo laboral y con las transformaciones socioculturales y tecnológicas del país. La investigación adopta un enfoque cualitativo basado en entrevistas semiestructuradas con cuatro periodistas de diferentes generaciones — Mara Régia, Marilu Cabañas, Patrícia Palumbo y Cássia Godoy —, cuyos relatos evidencian las conquistas y los desafíos de la presencia femenina en el medio radiofónico. El análisis de contenido permitió identificar temas como exclusión, resistencia y protagonismo, además de estrategias de superación basadas en la autenticidad, la solidaridad entre mujeres y la creación de redes de apoyo. El estudio demuestra que, aunque persisten barreras estructurales, como la subrepresentación en cargos de liderazgo y la permanencia de la misoginia, la radio se consolida como un espacio de transformación y expansión de las voces femeninas. Se concluye que el fortalecimiento de la participación de las mujeres en este campo depende también de la inclusión de perspectivas diversas de raza, clase y sexualidad, especialmente ante las nuevas configuraciones digitales de la comunicación contemporánea.

Palavras-chave

Rádio, mulheres, jornalismo, gênero, comunicação.

Introdução

A presença da mulher no rádio não se resume apenas a vozes no ar, mas compõe uma trajetória de resistência, luta por espaço e conquistas de direitos. A história da radiodifusão brasileira, desde suas origens nos anos 1920, foi marcada pela predominância masculina, refletindo a divisão de gênero no mundo do trabalho e na própria sociedade. Nesse contexto, compreender a inserção das mulheres no rádio significa também compreender como elas se afirmaram em um espaço de prestígio social, cultural e político, historicamente negado a suas vozes.

O rádio, como meio de comunicação, acompanhou essa trajetória de exclusões e lutas. Nas primeiras décadas da radiodifusão brasileira, as mulheres foram associadas a papéis secundários — secretárias, locutoras de recados ou vozes vinculadas ao consumo e ao espaço doméstico (Ferrareto, 2012). Apenas gradualmente conquistaram microfones em programas jornalísticos e de maior prestígio, enfrentando a barreira simbólica da "credibilidade da voz", historicamente associada a timbres masculinos. Maria Beatriz Roquette Pinto, considerada a primeira presença feminina no rádio brasileiro, abriu o caminho para nomes como Carmen Miranda, Aracy de Almeida, Emilinha Borba, Sonia Veiga, Maria Muniz e Sarita Campos, que ajudaram a pavimentar a estrada para as gerações futuras.

Reflexões recentes de pesquisas sobre a inserção de mulheres em profissões de tradição masculina, como a engenharia e as tecnologias da informação e da comunicação, ajudam a compreender também o caso do rádio. Embora as estatísticas mostrem avanços lentos e desiguais, mulheres organizadas em coletivos e sindicatos revelam um protagonismo invisibilizado, promovendo resistência e transformação cultural nos espaços de trabalho (Lombardi; Sousa; Svab, 2022).

Esse movimento pode ser observado também no campo da comunicação radiofônica. Apesar de as mulheres ainda estarem sub-representadas em cargos de prestígio, surgem experiências coletivas que desafiam esse cenário e ampliam a presença feminina. Um exemplo é o Coletivo de Comunicadoras da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), criado em 2013, durante o 9º Encontro Internacional da Marcha, em São Paulo. Fruto da Convergência de Comunicação dos Movimentos Sociais, essa rede se consolidou como multiplicadora de processos comunicativos em 20 estados brasileiros, tendo no rádio um de seus principais instrumentos. Desde sua primeira oficina, em 2014, o Coletivo promoveu intercâmbios de experiências sobre a relação das mulheres com a comunicação, inspirando práticas de rádio militante e colaborativa, como o programa Voz de los Movimientos, em parceria com a Minga Informativa de Movimientos Sociales.

Iniciativas como essa demonstram que, para além das trajetórias individuais, a organização coletiva das mulheres comunicadoras tem desempenhado um papel fundamental na reconfiguração cultural e política do rádio. Elas criam espaços de escuta, solidariedade e formação que reafirmam

o viver em comunidade como prática transformadora, ressignificando a participação social das mulheres no campo comunicacional.

A partir da década de 1970, em sintonia com o movimento feminista e com o processo de redemocratização do país, surgiram programas radiofônicos voltados ao público feminino, ao mesmo tempo em que profissionais pioneiras buscavam romper barreiras de gênero. A trajetória de jornalistas como Mara Régia, criadora do programa Viva Maria na Rádio Nacional, ou como Patrícia Palumbo, responsável pelo Vozes do Brasil por mais de 25 anos, exemplifica como o rádio se transformou em espaço de resistência, denúncia e visibilidade para pautas femininas.

Este estudo se justifica pela necessidade de compreender como o percurso das mulheres no rádio dialoga com o avanço dos direitos trabalhistas e sociais femininos no Brasil, e como esse meio de comunicação, marcado pelo imediatismo e pela proximidade com os ouvintes, serviu tanto para reproduzir estereótipos quanto para questioná-los e superá-los. Para isso, a análise articula um duplo movimento: por um lado, revisita a trajetória histórica do trabalho feminino no Brasil; por outro, valoriza a dimensão subjetiva e experienciada, a partir dos relatos de quatro jornalistas com carreiras consolidadas no rádio: Mara Régia, Cássia Godoy, Marilu Cabañas e Patrícia Palumbo.

Assim, o artigo tem como objetivo geral observar a trajetória das mulheres no rádio brasileiro, relacionando-a com a evolução dos direitos femininos no mundo do trabalho e identificando os desafios e conquistas que marcaram esse percurso. Como objetivos específicos, propõe-se: (a) contextualizar historicamente a inserção feminina no mercado de trabalho, destacando avanços legais e sociais; (b) investigar os papéis ocupados pelas mulheres no rádio brasileiro desde sua origem até a atualidade; (c) relacionar os marcos legais e sociais com o aumento da representatividade feminina no setor; e (d) compreender, a partir de entrevistas com profissionais da área, as barreiras enfrentadas, estratégias de resistência e percepções sobre o futuro da presença feminina no rádio.

O principal procedimento metodológico foi a realização de entrevistas semiestruturadas com radialistas atuantes em diferentes momentos da história da radiodifusão brasileira. Esse formato

permitiu a utilização de um roteiro de questões previamente elaborado, ao mesmo tempo em que ofereceu flexibilidade para explorar temas emergentes durante as conversas.

As entrevistadas foram selecionadas por representarem diferentes gerações e contextos do rádio brasileiro. Mara Régia, jornalista e criadora do programa Viva Maria, em atividade há mais de 40 anos; Cássia Godoy, âncora da CBN, que conquistou espaço de prestígio no jornalismo radiofônico; Marilu Cabañas, jornalista, uma das repórteres de rádio mais premiadas do Brasil, cuja trajetória é marcada pela influência materna como fonte de força e inspiração; e Patricia Palumbo, jornalista e radialista especializada em música brasileira, enfrentou batalhas contra a misoginia no ambiente profissional, produz e apresenta há 15 anos o programa Vozes do Brasil.

O tratamento das entrevistas foi feito a partir da análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011), com o intuito de identificar categorias como: (a) exclusões e barreiras iniciais; (b) estratégias de resistência e permanência; (c) conquistas profissionais e institucionais; (d) redes de apoio e referências femininas. Essas categorias foram interpretadas em diálogo com a bibliografia acadêmica e com o contexto histórico da luta das mulheres por direitos no Brasil.

A mulher e o mundo do trabalho

Ao longo dos séculos, a participação feminina no trabalho sofreu profundas transformações. Desde o período colonial, o racismo e o patriarcado, violências que historicamente marcam o Brasil, ligaram-se intrinsecamente ao capitalismo, estabelecendo os pilares estruturais de uma sociedade brasileira profundamente desigual. A formação social do país, moldada pela colonização e escravidão, resultou em exploração e opressão contínuas, especialmente contra mulheres negras e indígenas. (Cisne; Ianael, 2022).

A Revolução Industrial ampliou a participação feminina nas fábricas, mas em condições precárias, utilizando-as como mão de obra barata e sistematicamente as colocando em posições de subordinação. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943, e, sobretudo, a Constituição Federal de 1988, trouxeram avanços significativos, como a licença-maternidade e a igualdade

formal entre homens e mulheres (Brasil, 1943; Brasil, 1988). Ainda assim, as desigualdades persistem e revelam a distância entre os direitos conquistados e sua efetivação na prática.

Assim como no mercado de trabalho em geral, a inserção feminina no rádio também foi marcada por exclusões, estereótipos e lutas por reconhecimento. O meio radiofônico, surgido no Brasil na década de 1920, refletia a estrutura patriarcal da sociedade: as mulheres ocupavam funções secundárias, enquanto os espaços de maior prestígio permaneciam masculinos. É nesse contexto que se inicia a trajetória da mulher no rádio, cujas primeiras participações foram as das atrizes estrelas de radionovelas e as das rainhas do rádio, que refere-se a um concurso popular no Brasil, especialmente durante a era de ouro do rádio, quando elegia as cantoras mais populares da época, mas que gradualmente se transformaram em presença ativa e questionadora dos padrões estabelecidos em outras funções e posições.

A inserção feminina no rádio

A trajetória das mulheres no rádio brasileiro começou de maneira quase invisível. Nas primeiras décadas, elas ocupavam papéis secundários — secretárias e locutoras de apoio — reforçando estereótipos da "dona de casa ideal". O ideal de credibilidade estava associado a vozes graves e masculinas, o que limitava a presença feminina nos espaços jornalísticos. (Ferrareto, 2012).

O rádio não foi apenas um espelho das transformações sociais, mas um agente ativo nesse processo. Ao conquistar o microfone, as mulheres conquistaram uma plataforma para democratizar suas vozes e suas pautas. Conforme registrado pela BBC News Brasil, a partir dos anos 1970, em sintonia com o movimento feminista, surgiram iniciativas voltadas ao público feminino, como a Rádio Mulher, estação em que apenas profissionais do sexo feminino tinham espaço na equipe da 930 AM. A programação era elaborada por mulheres (para mulheres), uma verdadeira revolução no meio da comunicação no país.

No ano seguinte, em 1971, uma inovação ainda maior aconteceu, quando a programação abriu espaço para o futebol, e foram contratadas jornalistas para cuidar do departamento esportivo. Em

pouco tempo, o público foi crescendo partida após partida de transmissões da Copa Roca e a primeira edição do Campeonato Brasileiro, ao longo daquele ano. Nomes importantes do jornalismo brasileiro surgiram, como Germana Garilli, repórter de campo, Jurema Yara e Leilah Silveira, comentaristas, e Claudete Troiano, também repórter de campo e segunda narradora, revezando com Zuleide.

É nesse período que profissionais pioneiras começam a romper barreiras. Um marco simbólico é o programa Viva Maria, no ar desde setembro de 1981, conduzido por Mara Régia, na Rádio Nacional. O programa é consolidado como um dos principais espaços de mobilização, informação e debate sobre os direitos das mulheres no Brasil.

A jornalista recorda que “a discriminação e o preconceito foram o berço, inclusive, do Viva Maria”, reforçando como sua experiência pessoal e o contato com o feminismo inspiraram a criação de um espaço radiofônico dedicado às mulheres.

O programa influenciou a criação da primeira Delegacia da Mulher no Distrito Federal e contribuiu para debates que culminaram na Constituição de 1988.

Se, nas primeiras décadas, a presença feminina se limitava a papéis de apoio, as conquistas obtidas a partir dos anos 1970 e 1980 possibilitaram maior representatividade nos microfones e nas produções jornalísticas. Entretanto, essa ascensão não eliminou as desigualdades: ainda hoje, mulheres radialistas enfrentam barreiras relacionadas à credibilidade da voz, à concentração de cargos de liderança nas mãos de homens e à sobrecarga de jornadas múltiplas.

Em entrevista concedida em novembro de 2024 à TV Assembleia do Maranhão, a radialista Régina Santana, relembra uma barreira profissional estrutural enfrentada no período das décadas de 1980 e 1990: as mulheres não ocupavam cargos de chefia. Funções de liderança, como coordenação ou direção, eram exclusivamente masculinas. Mesmo o papel de 'locutora oficial' era um espaço de difícil acesso, com as mulheres sendo frequentemente direcionadas para funções de suporte, como a de secretária. Como resposta estratégica a essa exclusão, as profissionais da década de 1980

precisavam recorrer à “imposição vocal”, uma técnica para projetar uma voz mais grave e firme. Essa prática não era apenas para se adequar, mas para performar um tipo de autoridade que era culturalmente codificada como masculina, como um meio de obter credibilidade.

Além da disputa pelo espaço de fala e de liderança, as mulheres também encontraram barreiras nos setores técnicos das rádios. O Portal Alegrete Tudo traz um exemplo marcante, o de Ana Lúcia Netto, reconhecida como a primeira mulher a atuar como operadora de áudio em Alegrete (RS). Em uma função tradicionalmente masculina, que exigia domínio técnico e era vista como um bastidor inacessível às mulheres, Ana Lúcia construiu uma carreira sólida de mais de 30 anos na mesma emissora. Sua trajetória simboliza a quebra de paradigmas não apenas diante dos microfones, mas também nos controles que fazem o rádio existir, evidenciando que a inserção feminina se deu em múltiplas frentes do fazer radiofônico.

Mesmo após os avanços das últimas décadas, persistem desigualdades dentro das redações. As mulheres continuam sub-representadas nos cargos de liderança e enfrentam barreiras ligadas a padrões de gênero, voz e estética.

Vivências radiofônicas

As trajetórias das quatro entrevistadas para este artigo mostram que a presença feminina no rádio brasileiro é marcada por avanços, mas também por episódios de exclusão e resistência. Mara Régia é um dos nomes mais emblemáticos da radiodifusão brasileira com 44 anos à frente do programa Viva Maria na Rádio Nacional. Sua trajetória, no entanto, foi marcada desde cedo por experiências de machismo e violência. Filha de um pai misógino, que declarava não querer ter tido uma filha mulher, Mara conviveu na infância com episódios de violência doméstica que atingiam tanto ela quanto sua mãe. Essas vivências, somadas ao contato posterior com o movimento feminista na Europa — quando participou de uma passeata em Londres em defesa do direito ao aborto —, transformaram-se em combustível para sua militância no rádio.

Foi dessa combinação entre dor pessoal e despertar político que nasceu, em 1981, o Viva Maria. O programa surgiu em um ambiente de discriminação e preconceito, mas rapidamente se consolidou como espaço pioneiro de mobilização feminina, acompanhando o processo de redemocratização do país. Por meio dele, Mara ajudou a impulsionar o Fórum de Mulheres do Distrito Federal, que resultou na criação de políticas importantes, como a Delegacia da Mulher e o Conselho dos Direitos da Mulher no DF.

Mais do que um veículo de denúncia, o Viva Maria deu voz a mulheres comuns que partilhavam suas histórias de resistência, oferecendo a Mara uma “escuta privilegiada” que também a curava de suas próprias feridas. Assim, sua atuação no rádio transcendeu o papel profissional: tornou-se instrumento de transformação social e de articulação política em defesa da cidadania feminina.

Marilu Cabañas se destaca pela combinação de agilidade, coragem e reconhecimento profissional. Desde muito jovem, demonstrou iniciativa ao conquistar espaço no rádio e na imprensa, sem receio ocupar lugares com grandes nomes da comunicação. Sua postura sempre foi marcada pela confiança herdada da mãe — uma mulher resiliente, que lhe transmitiu valores de dignidade, coragem e igualdade.

Ao longo da carreira, Marilu construiu um percurso sólido no jornalismo político e social, colecionando prêmios importantes, como o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, um dos mais prestigiados do país, assim como o Troféu Mulher Imprensa, por mais de uma vez, sendo o único prêmio do Brasil destinado a reconhecer o trabalho jornalístico das mulheres dentro e fora das redações brasileiras. Para ela, cada conquista teve um valor especial, mas o maior orgulho estava em compartilhar esse reconhecimento com sua mãe. A emoção da mãe ao ver a filha premiada tornou-se combustível para que Marilu buscasse sempre “dar o melhor” e multiplicar conquistas, não apenas em benefício próprio, mas como forma de honrar suas origens.

Essa conexão com a mãe atravessa sua história: filha de uma empregada doméstica que perdeu o marido muito cedo e, sem acesso à pensão ou direitos trabalhistas decorrentes da morte dele, precisou criar os filhos em meio a grandes dificuldades. Nesse período, a família para quem

trabalhava acolheu Marilu, sua mãe e seu irmão, oferecendo suporte para que tivessem o mínimo de dignidade e um lar. Mesmo assim, Marilu cresceu observando a força das mulheres ao seu redor. Esse legado de coragem lhe deu confiança para atuar com determinação em redações e coletivas de imprensa, sempre pronta a ocupar seu lugar e a buscar histórias.

Jamais eu tinha qualquer receio de entrevistar qualquer pessoa. Qualquer pessoa. Seja presidente da república, seja um morador de situação de rua, seja um governador, seja quem quer que fosse. Não tinha o menor problema para mim. Então, porque eu fui criada nesse ambiente de muita segurança. Sabe? Minha mãe me passava muita segurança. Ela era uma mulher muito segura. Não é que ela falava. Ela fazia a coisa com muita segurança (Marilu Cabañas, entrevista cedida à autora, 2025).

Mais do que superar barreiras, sua trajetória revela uma profissional que transformou reconhecimento em respeito, e respeito em legado. Competitiva, incansável e guiada por uma profunda gratidão à mãe e às mulheres que a inspiraram, Marilu consolidou-se como uma das jornalistas mais premiadas e respeitadas do rádio brasileiro.

Já Patrícia Palumbo expõe de forma contundente os limites impostos pela misoginia em cargos de liderança. Como diretora de programação da Rádio Eldorado, foi alvo de um complô masculino que resultou em sua demissão, mesmo em um momento de alta audiência. Ela lembra:

Quando eu saí de férias, eu deixei três homens tomando conta da rádio. E quando eu voltei, eles tinham feito um movimento para me tirar, porque eles não estavam suportando a ideia de estarem sendo dirigidos por uma mulher jovem. Na época, eu era uma mulher jovem e ainda que já premiada, ainda que profissional, competente o suficiente para estar no lugar que eu estava, num lugar de direção, de gerência, de departamento ali. Eles fizeram uma movimentação e conseguiram convencer o meu diretor que eu não estava fazendo uma administração coerente da rádio. Foi terrível. Quando eu voltei de férias, esse diretor me manda um e-mail dizendo que, sob minha direção, a rádio estava empacada, o que era radicalmente o oposto do que estava acontecendo, porque eu tinha feito um trabalho de adaptação de plano de carreira, que nenhum locutor até então lá na rádio tinha plano de carreira. E aí, quando eu voltei de férias, eu fui demitida. Eu liguei para alguns amigos, um deles

o diretor da Rádio Musical FM, onde eu comecei o Vozes do Brasil, outro o diretor da ESPN Brasil, para onde eu fui fazer reportagem de esportes radicais. Então, em uma semana depois da minha demissão, eu já estava com outros dois trabalhos. E no trabalho para onde eu fui fazer o Vozes do Brasil, onde eu levei de 49 mil ouvintes a Rádio Eldorado passou para 19 mil. 30 mil ouvintes foram comigo para a Musical (Patrícia Palumbo, entrevista cedida à autora, 2025).

Apesar do episódio, Patrícia rapidamente se reergueu e consolidou o Vozes do Brasil, programa no ar há mais de 25 anos, hoje reconhecido nacionalmente. Para ela, a autenticidade foi a chave da resistência: “o que lhe pertence é a sua sabedoria, o seu jeito de fazer, a sua personalidade. Rádio é personalidade. Você só se destaca em rádio se tem algo diferente para dizer, para mostrar, para fazer”.

Além de rememorar o passado, Patrícia aponta para o futuro: “Acho que a presença feminina está fortíssima (...) Mas ainda não estamos nos lugares de direção como poderíamos estar. A gente tem que fugir do estereótipo e se pautar pelo conteúdo”. Sua reflexão liga tradição e inovação, indicando que, embora as mulheres tenham conquistado espaço nos microfones, ainda é preciso ampliar sua participação em cargos decisórios.

Cássia Godoy, por sua vez, representa uma geração que encontrou um rádio em transformação, mas ainda permeado por desigualdades. Ela iniciou a carreira na Rede CBN (Central Brasileira de Notícias), quando a emissora ainda tinha um ambiente majoritariamente masculino, com poucos espaços de destaque para mulheres. “Na época, era muito difícil para uma mulher ter alguma evolução ali. As apresentadoras estavam nos programas da tarde, da noite ou locais, mas não nos horários nobres”, recorda.

Sua trajetória reflete as mudanças graduais no perfil das redações: depois de passar pela Band News FM, onde viu um ambiente mais receptivo às mulheres, Cássia retornou à CBN em 2017 já como apresentadora do CBN Brasil, em um momento em que a própria emissora reconhecia a necessidade de equilibrar a presença feminina no ar. Ela destaca o papel da jornalista Marisa

Tavares, primeira diretora mulher da CBN, como figura decisiva na abertura de caminhos para outras profissionais na Rede.

Com mais de duas décadas de carreira, Cássia reconhece que muitas mulheres, inclusive ela, levaram tempo para compreender que determinadas situações eram expressões de machismo estrutural. “A gente viveu uma época em que as coisas eram tão normalizadas que várias pequenas atitudes eram microagressões. Só mais tarde percebi que aquilo não era normal.”

Atualmente, ela vê o rádio como um espaço de transformação e sororidade: “Quando você está numa posição importante e é mulher, só de estar ali já está ajudando outras mulheres. Mas é possível fazer isso de forma consciente.” Essa consciência se traduz em ações práticas, como a escolha intencional de convidar mais fontes femininas para entrevistas e priorizar a presença de mulheres em seus programas.

Em suas palavras, “se eu puder escolher entre uma mulher e um homem com a mesma capacidade, eu não penso duas vezes: escolho a mulher”. Essa postura reflete o compromisso de Cássia com a representatividade e com a construção de redes solidárias entre mulheres, um movimento que, segundo ela, os homens fazem há muito tempo e que as mulheres começam a fortalecer agora.

Em comum, os relatos evidenciam que a trajetória feminina no rádio envolve tanto conquistas institucionais quanto enfrentamentos cotidianos. Entre preconceitos explícitos, como o relatado por Mara e Patrícia, e resistências mais sutis, como as percebidas por Marilu e Cássia, jornalistas mostram que a permanência das mulheres no rádio foi marcada por luta e estratégias de sobrevivências. Suas vozes revelam que o rádio, ao mesmo tempo em que ainda reproduz desigualdades históricas, também se transformou em espaço de resistência, inovação e protagonismo feminino.

Considerações finais

A jornada da mulher no rádio brasileiro é uma narrativa de resiliência que se entrelaça com a luta pela emancipação feminina. Em um início marcado por papéis limitados e ambientes hostis, onde

as mulheres eram relegadas a funções de apoio, radialistas atravessaram décadas de enfrentamento para alcançarem protagonismo e reconhecimento. As trajetórias de Mara Régia, Patrícia Palumbo, Marilu Cabañas e Cássia Godoy evidenciam não apenas conquistas individuais, mas também uma transformação estrutural no campo da comunicação.

As barreiras iniciais — restrição temática ao universo doméstico, exigência de autorização masculina e invisibilidade em cargos de poder — foram superadas por mulheres que transformaram o microfone em ferramenta de mobilização, debate e afirmação social. Nesse percurso, o rádio se consolidou como espaço político e afetivo, capaz de criar “comunidades interpretativas” e fortalecer vínculos entre vozes e ouvintes. A inserção feminina não se limitou à locução: alcançou também áreas técnicas, como o marco de Ana Lúcia Netto, primeira mulher operadora de áudio em Alegrete.

A transição para o ambiente digital, com podcasts, transmissões em múltiplas plataformas e novas linguagens sonoras, ampliou o alcance do rádio e das vozes femininas. Se no passado a técnica da “impostação vocal” foi utilizada como estratégia de sobrevivência em um meio “masculino e machista”, hoje as mulheres concebem, dirigem e lideram programas, consolidando o rádio como espaço de resistência, autenticidade e inovação.

O percurso desta pesquisa, que analisou a trajetória de mulheres em posições de prestígio no rádio brasileiro, resulta na reafirmação de achados significativos. Com base na bibliografia e nas entrevistas de Mara Régia, Cássia Godoy, Marilu Cabañas e Patrícia Palumbo, confirmou-se que a persistência, a profissionalização e a resiliência são pilares para a permanência feminina em um ambiente historicamente dominado por vozes masculinas.

Embora os avanços sejam expressivos, ainda persistem barreiras estruturais, como a sub-representação em cargos de liderança, a permanência da misoginia e a necessidade de estratégias para validação profissional. Inseridas no contexto da “quarta onda do feminismo”, que utiliza a mídia como meio de empoderamento e transformação (Peres; Ricoldi, 2023), essas profissionais

demonstram que o objetivo vai além da disputa por espaço: trata-se de consolidar uma comunicação mais plural e equitativa.

A percepção central dessa pesquisa é que o rádio não está em declínio. Com a expansão do conteúdo no ambiente digital e a evolução tecnológica, o meio tem potencial de alcançar ainda mais pessoas — mantendo sua essência: autenticidade e proximidade com quem ouve. Fazer rádio, independentemente da época ou da tecnologia, continua sendo um ato de escuta, sensibilidade e compromisso com o público.

As investigações sobre mulheres em posições de prestígio no rádio devem continuar, incorporando recortes de raça, classe e sexualidade. O legado de pioneiras como Mara Régia e a atuação de profissionais de destaque como Cássia Godoy, Marilu Cabañas e Patrícia Palumbo demonstram que o futuro do rádio se constrói com conhecimento, ética, estudo e solidariedade entre mulheres.

Agradecimentos

À Faculdade Paulus de Comunicação, por abrir portas e possibilitar que estudantes bolsistas do ProUni tenham acesso ao ensino superior.

À Fundação Carlos Chagas, pelo compromisso com a formação educacional de seus colaboradores. Em especial, as amigas e amigos do Núcleo de Comunicação, pela compreensão diante das demandas e desafios de conciliar trabalho e pesquisa de iniciação científica.

Referências

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**. Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.html . Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html . Acesso em: 8 maio 2025.

CISNE, Mirla; IANEZ, Fernanda. Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 25, n.2, 2022, pp. 1-15

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2 ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2012.

LOMBARDI, Maria Rosa (coord.); SOUSA, Renata Adriana de; SVAB, Haydée. Relações de gênero nas tecnologias da informação e comunicação (TIC): Mercado de trabalho e protagonismo feminino. **Textos FCC**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, vol, 2022, vol. 61. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/textosfcc/issue/view/378> . Acesso em: 14 jun, 2025.

MORALES, Tania; FERREIRA, Léslie. Mulheres no radiojornalismo: mapeamento da presença de vozes femininas em programas jornalísticos de rádio. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 111–122, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v26i2p111-122. Disponível em: <https://revistas.usp.br/alterjor/article/view/196887> . Acesso em: 17 ago. 2025.

PEREZ, Odete C.; MARTINEZ RICOLDI, Andrea. A quarta onda feminista no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 3, 2023. DOI: 10.1590/1806-9584-2023v31n383260. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/83260> . Acesso em: 28 out. 2025.

SANTOS, Júlio Cesar. **Alegretense Lúcia Netto: a primeira mulher operadora de áudio com 31 anos de experiência em rádio**, 2019. Disponível em: https://www.alegretetudo.com.br/alegretense-lucia-netto-a-primeira-mulher-operadora-de-audio-com-31-anos-de-experiencia-em-radio/#goog_rewarded . Acesso em 27 set. 2025.

VIANA, Luiza. A podosfera é delas? Um panorama brasileiro sobre podcasts apresentados apenas por mulheres. **Razón y Palabra**, Cidade do México, v. 25, n. 111, 2021. DOI: 10.26807/RP.V25I111.1796. Disponível em: <https://doi.org/10.26807/RP.V25I111.1796> .
Acesso em: 8 maio 2025.

